



Práticas em Extensão Universitária

CHORÃO ARTES:

relato de experiência de colaboração com a Comunidade Menino Chorão

Maria Alice Possani - <https://orcid.org/0000-0001-5125-1502>¹

Mariana Pereira Procópio - ²

Vênus Ravi Torres Heyden - ³

¹ Departamento de Artes Cênicas, Intituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil, possani@unicamp.br

² Departamento de Artes Cênicas, Intituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil, maripereira798@gmail.com

³ Departamento de Artes Cênicas, Intituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil, ravi.vrth@gmail.com

RESUMO

Este texto apresenta um relato de projeto de colaboração desenvolvido junto à Comunidade Menino Chorão, região do Campo Belo, Campinas, SP, por equipe composta por professora e alunos do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp. Foi realizado com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp, por meio do Edital PEX 2021/2022. Traz reflexões sobre atividades de caráter artístico-pedagógico desenvolvidas com crianças da comunidade, com regularidade semanal, no período compreendido entre os meses de abril e dezembro de 2022. Na Introdução são contextualizados o projeto e a comunidade, bem como a importância do convívio para uma interação qualitativa em que sejam possíveis trocas e construção conjunta entre Universidade e Comunidade. Na sequência são apresentadas reflexões sobre a experiência resultante das atividades realizadas junto às crianças, compartilhando dificuldades e estratégias desenvolvidas pelos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro e comunidade. Extensão universitária. Comunidade Menino Chorão.

CHORÃO ARTES:

report of experience of Collaboration with the Community

SUMMARY

This text presents a report of a collaborative project developed with the Menino Chorão (Crying Boy) Community, Campo Belo region, Campinas, SP, by a team made out of teachers and students from the Department of Performing Arts at Unicamp University. It was carried out with the support of the Unicamp's Pro-Rectorate of Extension and Culture, through the PEX Funding 2021/2022. It reflects on artistic-pedagogical activities developed with children from the community, on a weekly basis, between April and December 2022. In the Introduction, the project and the community are contextualized, as well as the relevance of conviviality that leads to interactions in which exchanges and common growth between University and Community are possible. Then, reflections from the experience of the activities with the children are presented, exposing difficulties and sharing strategies that were developed by the participants.

KEYWORDS: Theatre and community; University extension. Crying Boy Community.

Submetido em: 22/09/2023 – **Aprovado em:** 26/12/2023 – **Publicado em:** 28/12/2023

1. INTRODUÇÃO

Este texto é um relato sobre um projeto de extensão realizado durante o ano de 2022, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual de Campinas. O projeto 'Arte e Segurança Alimentar: colaborações interdisciplinares com a Comunidade Menino Chorão' foi contemplado com o Edital PEX 2021/2022, para realização de atividades junto ao Ponto de Cultura Oficina Cultural da Mulher.

A parceria com a Comunidade começou a ser desenhada depois de um incêndio criminoso ocorrido em julho de 2021, que destruiu a horta e o pomar que vinham sendo mantidos pelas mulheres, e que tinham uma função importantíssima de segurança alimentar durante a pandemia de covid 19. Por conta do incêndio, houve uma mobilização do Conselho de Política Cultural de Campinas, buscando interlocução com a Secretaria de Cultura da cidade e estimulando ações em prol do espaço. Justamente nesse período houve a abertura de inscrições para o Edital PEX, da Proec/Unicamp, e foi apresentada proposta de colaboração com a Comunidade pela professora Maria Alice Possani, docente do Departamento de Artes Cênicas e, então, Conselheira de Política Cultural do município.

A idealização do projeto também contou com a participação do professor Guilherme Máximo, da Faculdade de Engenharia de Alimentos e um dos responsáveis pela coordenação do GESTO - Grupo de Extensão Social da Faculdade de Engenharia de Alimentos.

O projeto previa ações com caráter cultural e também atividades ligadas à cozinha e à horta comunitária do espaço, propostas a partir de diálogo prévio com a Comunidade. Durante o ano de 2022 foram realizadas oficinas regulares de arte, oficinas pontuais na cozinha, organização de eventos com caráter comunitário e colaborações com a horta.

O presente texto propõe-se a relatar e refletir especialmente sobre as atividades com caráter artístico-pedagógico, que constituíram uma das frentes do projeto.

O exercício de transpor em palavras experiências intensas e sensíveis, é sempre atravessado por sentimentos contraditórios. Por um lado, a sensação de que a organização de um texto é, sempre, de alguma maneira, uma redução da experiência vivida, que teve textura, cheiro, poeira, cor, temperatura, sonoridades e afetos intangíveis. Por outro, somos impelidos pela compreensão da importância de produzir rastros, em compromisso com a construção de futuros, e conscientes de que qualquer exercício de memória carrega, intrinsecamente, a projeção de porvires.

Tal qual uma passarinha que sobrevoa um território, ora se aproximando ora ganhando distância, nosso vôo-relato buscará equilibrar-se nesse exercício telescópico, revisitando memórias, desfiando aprendizados, dialogando com autores que inspiram práticas artísticas e pedagógicas e em exercício de sonhar futuros.

1.1. Menino Chorão e Dona Carmem

A Comunidade Menino Chorão está situada na região do Campo Belo, próximo ao aeroporto de Viracopos e nas margens da Rodovia Santos Dumont. Com cerca de trezentas famílias, consolidou-se a partir da ocupação de uma área que segue em disputa até hoje. Está situada em uma região de grande densidade populacional, e não dispõe de serviços básicos como rede de esgoto, creches e postos de saúde. É uma região com diversas camadas de conflito, que incluem negociações com o próprio aeroporto, com a polícia, com o tráfico e com lideranças evangélicas, especialmente incomodadas com manifestações culturais lgbtquiapn+ e com o discurso feminista do Ponto de Cultura Oficina Cultural da Mulher.

Nosso contato com a Comunidade deu-se através de Carmem de Souza, liderança que cuida e mantém esse espaço cultural que abriga diversas atividades comunitárias. Esse espaço é também a casa de Carmem, e possui uma cozinha e uma horta comunitária, além do espaço chamado de 'barracão', onde acontecem reuniões e a maior parte das atividades voltadas para as crianças. Também possui uma grande área aberta, que é onde acontecem os eventos culturais comunitários, como almoços coletivos e festas. Ou, talvez, devêssemos dizer que a casa de Carmem é também um espaço cultural, invertendo a relação intimidade/privado e coletivo/público que atravessa o cotidiano daquele lugar. É a cozinha da Carmem, onde ela prepara e realiza suas refeições. E é também uma cozinha comunitária, frequentada por diversas mulheres que cozinham, comem e participam do que é chamado por elas de Cozinhas das Pretas. Tem uma sala onde acontecem oficinas de alfabetização, de costura, onde ficam guardados materiais e equipamentos utilizados nas atividades coletivas, como caixas de som, máquinas de costura, lápis, cadernos, materiais escolares e ferramentas da horta. E é também a sala da Carmem, ao lado de seu quarto, que é a única área mais ou menos privada do lugar. Mais ou menos porque não existe uma porta, apenas uma abertura entre a sala e o quarto, de maneira que mesmo esse único cômodo por onde não costuma haver circulação de pessoas não é fechado.

É importante apresentar esse aspecto porque é uma característica do modo como esse espaço foi criado, e que imprime uma dinâmica no modo como dão-se as relações no espaço. Existe uma rede de mulheres e também existe uma pessoa que articula, organiza, defende, divulga e assegura a existência de um espaço comunitário. Um modo de ser que é coletivo, em que Carmem abre mão de espaços privativos para viver uma existência coletiva. O que também faz com que as tomadas de decisão não sejam completamente horizontais, e sim balizadas por ela. Da mesma maneira que Carmem exerce uma função de liderança na manutenção do espaço e das atividades, ela também sustenta-se nessa rede de mulheres que habita a Oficina Cultural da Mulher e que também cuidam não só dos espaços comuns, mas também da própria Carmem.

Uma rede por vezes de difícil compreensão para quem enxerga de fora, pois sustenta-se de maneira informal e irregular, atravessada por constante movimento e com pouca previsibilidade. Mas que se torna

visível quando necessária, seja para apagar um incêndio, para cuidados de saúde, para regar a horta, para o compartilhamento do pouco que se tem ou para celebrações.

Essa dinâmica de relações vem mantendo esse espaço comunitário vivo já há mais de dez anos, tornando-se referência para praticamente todas as interlocuções entre a Comunidade Menino Chorão e agentes externos, tais como prefeitura, vereadores, movimentos sociais, grupos culturais, instituições de terceiro setor, Universidade, entre outros.

1.2. Aproximação e convívio

A equipe responsável pelas atividades artístico-pedagógicas foi formada por alunos de Artes Cênicas de diferentes anos de ingresso - Vênus Ravi Torres, Mariana Procópio, Ana Farina e posteriormente Tushita Simões - e por uma aluna do Curso Técnico em Teatro do Conservatório Carlos Gomes - Campinas, SP, Débora Rosa.

Fizemos algumas visitas à Comunidade para conhecer, conversar e desenhar a colaboração que foi realizada ao longo de 2022¹. Desses encontros, destacamos uma primeira experiência de colaboração durante um almoço coletivo, que já estava sendo organizado pelas mulheres frequentadoras do espaço. Foi uma oportunidade de conhecer outras pessoas do território, uma vez que até aí as conversas vinham acontecendo sobretudo com Carmem. Também pudemos colaborar com um evento em que nossas ações foram pautadas sobretudo por demandas que vinham da própria comunidade. Ainda não sabíamos, mas ali já começavam a instalar-se princípios que orientaram todo o nosso ano de trabalho, como um exercício permanente de escuta ativa, uma relação de confiança baseada no convívio e na disponibilidade para construir junto, e a relação com as crianças como base da nossa ação no território.

As palavras convívio, disponibilidade e confiança explicitam o modo pelo qual esse diálogo foi acontecendo. Assim mesmo: no gerúndio. Disponibilidade de tempo e presença para estar junto, para que conversas aconteçam, para lavar uma louça e limpar a cozinha, para pendurar uma lona, para auxiliar alguém no uso do telefone, para cortar o cabelo e para inúmeras miudezas que foram, aos poucos, construindo relações de troca, apoio e afeto. No convívio fomos aprendendo as histórias, conhecendo as mulheres e tornando-nos rostos familiares para elas. Na constância da presença fomos estabelecendo, aos poucos, espaços de confiança.

No diálogo entre equipe Unicamp e Comunidade, percebemos a importância de uma qualidade de atenção e desse tempo de conviver para além da atividade em si, para que pudéssemos descobrir nas entrelinhas, um desejo; no entredito não-dito, uma proposta; nos olhares trocados, uma regra; em um gesto,

¹ Este texto relata experiências realizadas até dezembro de 2022. O projeto segue em andamento, especialmente por conta de nova aprovação em edição subsequente do mesmo edital, agora para realização de ações ao longo de 2023. Atualmente (abril de 2023), a equipe dessa vertente de atuação do projeto é formada por alunos de Artes Cênicas (Vênus Ravi Torres, Mariana Procópio e Bruna Haddad), da Pedagogia (Isabella Dias) e da Licenciatura em Matemática (Eliéverton Filizatti).

uma possibilidade de ação. Esse aspecto merece um destaque, sobretudo quando pensamos nos bons problemas que a Curricularização da Extensão nos traz.

O calendário acadêmico, muitas vezes, entra em choque com o tempo do convívio necessário para uma construção conjunta com pessoas de fora da Universidade. Do ponto de vista dos alunos, os horários das disciplinas, os períodos de provas, os períodos de recesso e férias, os semestres organizados em ciclos de 15 semanas, constituem um esquema rígido que, nem sempre, comporta as variações e necessidades de um projeto de extensão. Do ponto de vista dos professores, há uma quantidade imensa de demandas pedagógicas, administrativas e pressionamentos por uma produção acadêmica que também dificulta a abertura nas agendas para esse tempo de escuta e convívio dilatado, aparentemente 'improdutivo'.

Como sustentar espaços para que a desejada interação dialógica - uma das diretrizes para a extensão que sustentam a Política Nacional de Extensão - possa sair do papel e materializar-se efetivamente?

Paradoxalmente, no processo de Curricularização da Extensão parece ser necessária uma certa descurricularização da cultura universitária, para que interações com comunidades externas possam acontecer de maneira qualitativa, desburocratizando relações e calendários em processos e projetos, com tempo e abertura para construções conjuntas.

Considerando a extensão como processo que viabiliza relações transformadoras entre Universidade e Sociedade (FORPROEX, 1987), essa dificuldade pode ser um convite a aprender com modos de existir que trazem outras perspectivas existenciais. Nossos currículos são fruto - e ao mesmo construtores - de um modo de viver sempre alinhado em direção a um futuro, que desloca nossa atenção constantemente para as consequências da ação que estou realizando no tempo presente. Se isso pode ser importante para que possamos fazer escolhas mais conscientes no aqui-agora, também pode ser uma armadilha que nos rouba a possibilidade de habitar plenamente o presente. As culturas indígenas - sem perder as dimensões de passado e futuro - consideram um equívoco "amarrar o futuro a seu presente" (MUNDURUKU, 2020). A compreensão de que o futuro não existe e que o tempo é cíclico e não-linear, convida a habitar o presente de maneira inteira e atenta. Nesse sentido, o filósofo e escritor indígena, Daniel Munduruku, em crítica ao aspecto produtivista dos conhecimentos acadêmicos, faz uma provocação ao propor uma disciplina de graduação ou pós-graduação que permitisse ao aluno experimentar o silêncio. Não o silêncio da boca, mas o silêncio do pensamento. "O silêncio difícil é o do pensamento, quando a gente permite que o pensamento crie asas e vá para lugares em que o nosso corpo não está" (MUNDURUKU, 2020).

No projeto de extensão junto à Comunidade Menino Chorão, um dos primeiros - e imensos - aprendizados, foi entender a importância dessa disponibilidade para estar junto, como fundamental para que algumas conversas pudessem acontecer, para que pudéssemos criar um vocabulário comum, e sobretudo, para que pudéssemos aprender sobre as histórias, contextos, desejos e possibilidades.

Percebam que até aqui evitamos o uso da palavra 'diagnóstico', que costuma ser utilizada como uma das primeiras ações a ser realizada em projetos de extensão. A ideia de diagnóstico desloca a finalidade do encontro para o futuro inexistente, esvaziando a potência do acontecimento presente. Um tipo de encontro

que só ganha sentido na perspectiva das ações que poderão ser desenvolvidas posteriormente, a partir das informações garimpadas. Uma relação que acontece com os corpos presentes, mas com o pensamento apartado da experiência, reforçando a dimensão produtivista do encontro, cujo sentido será validado pelo que virá depois.

O convívio que não se ocupa do depois, é o território de cultivo dos afetos e da descoberta do outro, do compartilhamento de experiências livres da obrigação de serem úteis. Dobras de tempo em que coisas podem acontecer. Ambiente que favorece a criação de um território comum entre pessoas diferentes. Em que acontecem descobertas que transformam os planos desenhados previamente, e em que torna-se possível a identificação de desejos, necessidades e possibilidades não imaginadas.

2. CHORÃO ARTES

Na ideia inicial do projeto, desenhada muitos meses antes das ações começarem efetivamente, não havia a previsão de nenhuma atividade voltada especificamente para as crianças. No entanto, em todas as nossas idas até o Menino Chorão, nos deparávamos com grupos de crianças frequentando os espaços do Ponto de Cultura: de manhã, de tarde, durante a semana ou no final de semana. Pudemos perceber que aquele era - e é - um local de referência para os pequenos que frequentavam e frequentam o espaço de maneira cotidiana, mesmo sem nenhum tipo de atividade estruturada acontecendo. Essa presença constante fez com que optássemos por direcionar nossa principal atividade para esse público e, de abril a dezembro de 2022, estivemos todas as segundas à tarde realizando atividades artísticas com os pequenos, no que, depois, veio a receber o nome de Escolinha de Artes. As crianças têm sido nosso principal elo com a comunidade, e foram elas que nos abriram inúmeras portas - físicas e metafóricas - nesse projeto de colaboração.

Além das atividades na comunidade às segundas, a equipe manteve um cotidiano de reuniões semanais para avaliação e planejamentos, além da colaboração na organização e participação em eventos comunitários, dos quais destacamos a festa junina - junho/2022 - e a festa de dia das crianças - outubro/2022. Também foram realizadas atividades de encerramento de semestre, com participação das mães, nos finais de semana de julho e dezembro.

2.1. Desafios iniciais

O espaço utilizado para a Escolinha de Artes é um barracão coberto, aberto nas laterais, com tecidos estendidos formando uma espécie de parede parcial em três laterais. Fica dentro do terreno da Carmem, que não possui nenhum tipo de portão que limite o acesso, sendo facilmente possível entrar e sair, sobretudo porque fica próximo à rua. O piso é de concreto. Cercado por terra e árvores, a presença de peira, folhas e pedrinhas é uma constante, embora nossa equipe varra sempre antes de cada atividade.

Essa abertura do espaço, ao mesmo tempo que facilita a presença da comunidade no local, também oferece inúmeros convites à dispersão: circulação de cachorros que seguem seus tutores ou que rondam em busca de comida, pessoas que passam na rua, insetos, ventos, sons.

É um local habitado cotidianamente pelas crianças de maneira livre e sem mediação de adultos.

Essas características, no início, apresentaram-se como um desafio ao nosso desejo de atividades que necessitavam de uma manutenção da concentração por um período de duas horas, bem como para a instauração de combinados distintos dos modos como costumam se dar as relações entre elas sem a presença dos adultos. Por exemplo, as provocações e a resolução de conflitos de maneira violenta eram uma constante nas relações. Como lidar com essas brigas, que aconteciam frequentemente durante as atividades? Como mediar conflitos que aconteciam na nossa aula, mas cujas motivações pareciam ser anteriores, e dizer respeito a acontecimentos que não presenciamos e relações que desconhecemos? Como entender se aquele soco era um ataque ou uma reação de defesa a uma violência que não enxergamos? Como acolher a briga e mediar os conflitos e, ao mesmo tempo, construir algum fluxo de atividades que não desestimulasse a participação daqueles que não estavam envolvidos no conflito?

Essas questões ocupavam um espaço significativo nas nossas reuniões semanais de avaliação e planejamento, especialmente durante os primeiros meses de atividade. Além da preocupação com as crianças, muitas inquietações sobre nosso papel como artistas-educadores, nossos limites e responsabilidades. Paulo Freire (1996) fala sobre

“[...] não termos ainda resolvido o problema da tensão entre a autoridade e a liberdade. Inclinados a superar a tradição autoritária, tão presente entre nós, resvalamos para formas de licenciosidade de comportamento e descobrimos autoritarismo onde só houve o exercício legítimo da autoridade”. (FREIRE, 1996, pág. 40)

Como agir no momento em que essas situações acontecem? Podemos levantar a voz, parar tudo, dar bronca? Quais palavras usar? Qual o volume de voz, qual postura? Quais consequências deve ter uma ação violenta de um aluno contra outro? Como não reproduzir a violência no nosso modo de agir? É errado em alguns momentos ignorar algumas brigas e seguir com a atividade? Em que momento colocar o foco no acontecido e em que momento seguir?

Relato uma situação marcante em relação a esse tema. Tivemos um aluno que não apareceu em uma sequência de aulas, e retornou depois de um tempo. Depois de sua volta, as atividades que pareciam haver encontrado um modo de funcionamento mais harmônico, voltaram a ser atravessadas por brigas constantes, invariavelmente envolvendo o tal aluno. Nossa postura foi na direção de interromper as agressões contra ele, em busca de protegê-lo. Algum tempo depois chegou até nós o relato de uma mãe contando que esse garoto havia cometido uma violência contra um garoto menor do que ele, e que por isso havia sempre muita tensão quando ele estava presente. Esse relato nos fez compreender o período de ausência do referido aluno, e os tumultos no seu retorno. Fez-nos questionar se, caso soubéssemos da história antes, teríamos mudado nosso comportamento? Fez-nos compreender nossos limites e a importância do exercício de aceitar que nossa presença na comunidade era temporária, que há coisas que jamais saberemos e outras em que

não teremos condições de intervir. Temos muito mais perguntas do que respostas em relação a esse aspecto, e podemos compartilhar algumas das estratégias encontradas em relação a esse tema.

Um dos recursos que utilizamos foi conversar coletivamente sobre o que seria necessário para que as atividades pudessem acontecer de maneira harmônica e, a partir das respostas, criar um quadro onde constavam os diversos acordos pactuados entre todos. Esses combinados foram registrados em grande papel craft, através de escrita e de desenhos feitos pelas crianças. Recorrer ao papel era uma estratégia em algumas dessas situações de dispersão e/ou brigas. Essa foi uma maneira de compartilhar com as crianças a responsabilidade pelas atividades, coletivizando decisões sobre nossos encontros semanais. Paulo Freire (1996) aborda a construção da autonomia pelo exercício da tomada de decisões e pelo compartilhamento da responsabilidade pelas consequências de cada decisão. A criação do quadro de acordos foi uma maneira de buscar essa coletivização da responsabilidade sobre o encontro, que teve um bom efeito na dinâmica das aulas, sobretudo nas semanas subsequentes. Algum tempo depois, no entanto, a alta rotatividade dos participantes, fez com que tivéssemos uma quantidade significativa de crianças que não haviam participado desse momento.

Outra estratégia foi deslocar as crianças que estavam em conflito, do espaço da atividade, de maneira que parte da equipe pudesse dar sequência à atividade, e parte pudesse dedicar atenção para dialogar com aqueles que estavam em desacordo. Nesses casos, a ideia era sempre conversar, entender o que estava acontecendo, buscar uma maneira de resolver, refazer combinados e retornar para a atividade. Essa estratégia foi possível porque tínhamos uma equipe com número suficiente de pessoas para que pudéssemos nos dividir nessas funções. Outro relato significativo foi de um aluno que era recorrentemente retirado da atividade, e que apresentava momentos de raiva intensa, com as mãos cerradas, o corpo todo tenso, olhar duro. Em uma das conversas com ele nesse espaço apartado, quando a educadora perguntou o que ele achava que poderia ser feito para lidar com a raiva intensa que ele sentia, a resposta do menino foi que ele poderia comer. Perguntamos sobre sua rotina, horário de almoço e entendemos que esse garoto chegava nas atividades sempre com muita fome. E que, talvez, as reações de raiva poderiam ter a ver com isso. Nesse dia ele não voltou para a atividade e participou do preparo do lanche de maneira bastante colaborativa.

Apesar de termos encontrado maneiras pontuais de lidar com essas questões, permanecia como inquietação se poderíamos, de algum modo, fazer com que o espaço-tempo da atividade fosse uma experiência pautada, mesmo que por um curto período, por modos de convívio diferentes das relações que constituíam o cotidiano das crianças.

A música foi um primeiro elemento agregador que se mostrou potente para a ritualização das nossas experiências artístico-pedagógicas. Em determinado momento, como resposta a esse desejo/necessidade de instaurar uma suspensão do espaço cotidiano, decidimos criar um pequeno ritual de início, começando todos os dias com uma canção. Foi escolhida uma canção comumente utilizada em aulas de teatro e que fazia parte do repertório das alunas da equipe Unicamp: o toque-patoque. É uma canção com uma letra formada por

sequência de sons, que facilmente pode ser acompanhada por palmas ou passos ritmados. Essa canção - com variações de intensidade, com palmas, com batidas de pés, girando em roda, variações de velocidade - foi tornando-se um ritual coletivo de início. Daniel Munduruku (2020), educador indígena, nos fala do sentido das danças coletivas e desse bater os pés coletivamente:

“Nossa dança tem um sentido coletivo, só acontece quando dançamos junto, batendo os pés juntos. A batida dos pés, por sua vez, recorda a criação do mundo: foi batendo os pés no chão que Karú-Sakaibê fez nascer todas as coisas. Todas as vezes que batemos juntos os pés no chão, estamos recriando e mantendo o céu suspenso, como dizem nossos avós. (Munduruku, 2020, pág. 37)

Essa função da música permanece até hoje como um elemento que instaura nossa chegada. Atualmente isso acontece através de um cortejo pelas ruas da comunidade, em que artistas-educadores cantam acompanhados por um surdo enquanto se deslocam por algumas ruas, convidando as crianças a participarem. O surdo e a canção podem ser ouvidos mesmo em ruas laterais ao percurso do cortejo, e tornou-se um código que instaura o início das atividades.

Aos poucos, as crianças aprenderam as letras, aprenderam o ritmo e por vezes tocam o surdo, criaram variações da música inicial. Em determinado momento construímos com eles chocalhos que passaram a integrar o cortejo, de maneira que todos pudessem tocar.

Assim, cantando, tocando e batendo os pés juntos, seguimos em busca de instaurar recortes no espaço-tempo habitual, em que sejam possíveis experiências e relações distintas do cotidiano, em desejo permanente de suspender o céu.

2.2. Experiência de criação e apresentação

Se o fazer artístico trabalha na construção de imaginários e subjetividades, tendo como matéria prima, muitas vezes, elementos impalpáveis, os elementos materiais podem apresentar-se como catalisadores de processos, e disparadores potentes para a imaginação e para a dimensão coletiva do fazer teatral.

Pudemos vivenciar essa potência em uma atividade que acabou constituindo-se como um divisor de águas desse projeto: a preparação e apresentação de uma coreografia na festa junina da comunidade, realizada em junho de 2022.

Poucas semanas após o início das atividades, quando ainda estávamos tateando limites e possibilidades do espaço e entendendo a dinâmica das crianças e das relações entre elas, surgiu, em uma dessas conversas informais, histórias de festas juninas realizadas pela comunidade, e entendemos que nos anos anteriores as festas não tinham acontecido por conta da pandemia. Aliás, fomos entendendo que a realização de eventos culturais comunitários de maneira geral não aconteciam há pelo menos dois anos e que havia o desejo de retomar essa dimensão cultural do espaço. Esta acabou sendo uma das nossas linhas

de atuação ao longo de 2022: colaborar para a retomada daquele local como um espaço de referência cultural na cidade de Campinas e para a comunidade.

Em conjunto com Carmem, decidimos fazer uma festa junina. Na reunião seguinte da equipe, decidimos preparar algo com as crianças para ser apresentado na festa. A decisão foi um lançar-se no escuro, uma vez que ainda estávamos em um período de convívio inicial, sem conseguir estabelecer continuidade entre um dia e outro de atividade, com grande rotatividade de participantes e aprendendo o que era possível de realizar num espaço com aquelas características. A ideia era criar uma coreografia curta, porque tínhamos poucos encontros até a festa.

Levamos, na semana seguinte, um grande e leve tecido vermelho e começamos a improvisar, com as crianças, possibilidades de uso do tecido. Elas experimentaram diversas movimentações coletivas, que aos poucos foram sendo selecionadas e organizadas pelos artistas-educadores. A música acabou sendo um remix entre música de quadrilha tradicional e um funk costumeiramente cantado pelas crianças. No meio da coreografia, uma pausa na música eletrônica para cantar e dançar o toquepatoque.

A aventura deste pequeno processo de criação foi catalisadora de inúmeros processos significativos.

Havia o tamanho do tecido e a necessidade de manuseá-lo de maneira integrada. Se vínhamos, até aqui, buscando um repertório de jogos colaborativos com o intuito de trazer experiências e aprendizados que valorizassem o coletivo, o tecido foi a materialização dessa ideia. Cada um com sua função, mas todos unidos pelo grande tecido. Havia a beleza do tecido esvoaçante que transformava o campinho de futebol durante os ensaios. Havia o prazer e a alegria, quando o funk invadia a música de quadrilha. A força com que cantavam o toquepatoque no silêncio, após a saída da música. A realização de atividades em diferentes espaços, utilizando campinho e outras áreas que, até então, não tinham sido utilizadas por nós. As movimentações combinadas, repetidas, aprimoradas. A necessidade da presença nas aulas, que era reveladas quando alguém faltava e aquela função ficava vazia. A ideia de responsabilidade com o coletivo aos poucos sendo instaurada, e a consciência de que a ausência de cada um seria sentida pelo coletivo.

“[...] quando fazemos teatro, trabalhamos atitudes de respeito e de convivência, não com sermões, mas com o próprio teatro. O recurso que temos para trabalhar o respeito, as questões de ética, as questões de respeito ao outro e de tolerância são os próprios elementos teatrais [...]. (PUPO, 2010)

Esse pequeno processo de criação coletiva trouxe para nós, equipe de artistas-educadores, a consciência do quanto de saberes e aprendizados esses processos, em si, disparam. Percebemos que estávamos buscando primeiro estabelecer princípios e alguma base de conhecimento que, acreditávamos, deveriam ser anteriores ao processo de organização de algo para ser apresentado. Essa experiência nos trouxe a clara percepção da importância de confiarmos na potência de um processo criativo que articula linguagens artísticas. É no exercício de experimentar, de debater, de fazer escolhas, de repetir, de aprimorar, de organizar, que os aprendizados acontecem.

Figura 1. Ensaio com o tecido.

Fonte: acervo equipe

Importante dizer que, até esse momento, não éramos somente nós que estávamos em processo de entender a comunidade: também a comunidade estava entendendo quem éramos nós e, sobretudo, o que eram esses encontros às segundas. Algumas vezes nos perguntaram se éramos professores de verdade, sem que soubéssemos exatamente o que a pergunta estava perguntando. Por frases soltas e comentários que pegávamos no ar, percebemos que havia a expectativa de que em algum momento acabaríamos ‘as brincadeiras’ e a gente pegaria caderno e lápis. Afinal, éramos professores - alguns em formação, mas professores. Embora tivéssemos desde sempre dito que éramos da área de teatro, havia uma memória na comunidade de trabalhos regulares com as crianças que elas chamavam de Escolinha, e que tratava-se de reforço escolar. Essa atividade já não acontecia há alguns anos, mas a memória permanecia no imaginário daquelas pessoas e, de alguma maneira, nossos rostos e posturas foram encaixados nessa expectativa.

A apresentação no dia da festa junina foi um marco nessa relação, transformando o modo como a comunidade nos enxergava.

O momento da apresentação foi surpreendente. A própria Carmem, que acompanhou boa parte dos ensaios, filmava a apresentação emocionada, repetindo que não estava acreditando no que estava acontecendo. Houve uma surpresa geral com a experiência artística, a beleza, a festa, os movimentos, a concentração das crianças, os olhares dos pais, mães e de outros coletivos culturais que estavam se apresentando no evento. As crianças nervosas, naquele instante dando-se conta da importância dos ensaios, querendo lembrar cada combinado, revisitar com os colegas cada etapa da apresentação.

Nesse dia foi como se, enfim, tivéssemos nos encontrado: equipe Unicamp e Comunidade Menino Chorão. A partir daí foi acrescentada a palavra Artes ao termo Escolinha, e esta passou a se chamar Escolinha de Artes. A partir daí caiu a expectativa quanto à necessidade de cadernos e começaram a brotar ideias sobre coisas que poderíamos fazer, e essas coisas tinham a ver com as linguagens artísticas.

Muitos meses depois dos primeiros encontros e conversas, e quase três meses depois de estarmos ali todas as semanas, parece que só nesse momento conseguimos pisar um mesmo território. A coragem de

lançar-nos num pequeno processo criativo com compromisso de apresentação na festa, proporcionou uma experiência compartilhada, criando um campo comum que as palavras não tinham dado conta de estabelecer.

Essa apresentação foi assistida pelas pessoas que estavam na festa e, entre elas, tinha gente da Comunidade Mandela, uma ocupação de outra região da cidade, com que as pessoas do Menino Chorão mantêm relações de parceria. Por conta disso, recebemos um convite para que as crianças se apresentassem na festa de inauguração da nova sede da Mandela, que aconteceria dali a poucas semanas. A comunidade organizou-se para conseguir um ônibus, e nós cuidamos do diálogo com as mães e das autorizações necessárias.

A apresentação na festa e o convite na sequência colaborou para fortalecer a ideia de que as pessoas daquele território produzem cultura e expressão artística.

A pesquisadora Márcia Pompeo Nogueira (2017) diferencia o que seria o teatro feito *para* comunidade, *com* comunidade e *por* comunidade. A maior parte das experiências artísticas vivenciadas no Menino Chorão, até então, resumia-se a receber apresentações culturais de diferentes artistas e coletivos da cidade de Campinas e região e, quando falávamos em teatro, o que estava no imaginário era, sobretudo, que o lugar que lhes cabia era o de público, nas programações que aconteciam na Oficina Cultural da Mulher.

A apresentação das crianças na festa e o convite para apresentarem-se fora dali, instauram a possibilidade da comunidade como produtora de um fazer cultural, legitimando saberes próprios e colaborando para fortalecer uma sensação de pertencimento comunitário. As crianças saindo do Menino Chorão para apresentarem-se em outro território, invertem o papel de espectadoras de expressões artísticas vindas de fora para serem, elas mesmas, protagonistas desse fazer.

No final deste primeiro ciclo de atividades, fizemos a produção de um livro com registro das experiências vivenciadas até ali. Nossa equipe providenciou a impressão de algumas fotos e, junto com Carmem e com as crianças, montamos o livro. Este processo foi um exercício de olhar o percurso conjuntamente, rememorar cada atividade realizada, entender qual seria a maneira de organizar essa trajetória, encontrar nomes para as fotos e páginas, ilustrar, escrever, enfeitar e montar nosso Livro de Memórias, batizado assim pelas próprias crianças. É nesse processo que surge a expressão Chorão Artes, que nomeia este artigo. O livro foi apresentado para as mães em um encontro no final do semestre, e ficou guardado na Oficina Cultural da Mulher. Uma versão em pdf pode ser acessada através do link: <https://drive.google.com/file/d/1BExIiQljhRp0mGZIP2oln6GEwZDRAXy8/view?usp=sharing>.

Figura 2. Produção do Livro de Memórias no Barracão.

Fonte: acervo equipe

2.3. Segundo semestre: a potência das materialidades e o universos circense

Um outro aspecto que o processo descrito no tópico anterior trouxe como reverberação, foi uma mudança no uso dos espaços para a realização das nossas atividades. O tamanho do tecido nos levou para fora do Barracão, e foi necessário que os ensaios acontecessem em outros lugares. Nos meses seguintes, especialmente ao longo do segundo semestre, a exploração de diferentes espaços esteve presente em nossos planejamentos de maneira mais consciente.

Durante os meses iniciais de nosso trabalho, havíamos feito um movimento de buscar - em nosso repertório - atividades possíveis de serem desenvolvidas com as limitações que o Barracão nos apresentava: espaço aberto, piso áspero, etc. A experiência da festa junina ampliou nosso olhar para além do Barracão, e passamos a imaginar atividades considerando os diferentes espaços possíveis: uma área perto do parquinho, no próprio campo de futebol, no entorno da cozinha, na própria cozinha. O espaço não mais como um limitador das possibilidades, mas sim como propositor de novas experiências. Foi assim que foi realizado, por exemplo, um exercício de equilíbrio em um banco ao lado do campo e outras atividades que exploravam campo, cozinha, em torno do Barracão e árvores, por exemplo.

Figura 3. Exercício de equilíbrio.

Fonte: acervo equipe

Durante o segundo semestre, essa exploração das materialidades foi uma constante: tanto elementos levados por nós, como tecidos, adereços, chapéus, papéis, tintas, fitas, recicláveis e outros, como objetos coletados no local, tais como galhos e sementes; quanto essa busca por explorar conscientemente diversas possibilidades de uso dos espaços que compõem a Oficina Cultural Mulher.

Neste período, também buscamos uma aproximação com o fazer teatral propriamente dito, propondo atividades que instauravam espaços e situações ficcionais, bem como experimentando criação de figuras por meio de jogos e da utilização de adereços.

A professora e pesquisadora Maria Lúcia Pupo reflete sobre o que seria essa especificidade do teatro, sobretudo em experiências com caráter artístico-pedagógico:

[...] o grande poder do teatro, por sua vez, está no fato de que é só dentro dele que eu tenho condição de, corporalmente, assumir um mundo fictício. É só no teatro que eu tenho a possibilidade de emprestar o meu corpo para tornar presente, diante de outros, um ser ausente. (PUPO, 2010)

O primeiro semestre havia nos ensinado que a materialidade dos objetos e do espaço trazia engajamento, movia a criatividade e ativava imaginários. Abraçamos essa potência na vivência de situações ficcionais que envolviam as crianças, os artistas-educadores, diferentes espaços e utilização de objetos e adereços.

Uma série de acontecimentos convergiu para a temática circense, que assumimos também como um fio condutor a partir de determinado momento do semestre. Esses acontecimentos incluem um dia de muita chuva em que não conseguimos realizar nada do planejado, e ficamos ilhados em uma pequena área. Na busca pelo que fazer com as crianças que ali estavam, começamos a experimentar alguns exercícios de acrobacia. Um repertório de exercícios de equilíbrio, a maioria em duplas ou trio, com auxílio dos educadores ou apoiando-se em uma viga. O engajamento das crianças na atividade fez com esse repertório voltasse nas semanas seguintes e fosse incluído no que veio a ser nosso Sarau de encerramento do ano.

Também a festa das crianças, que aconteceu em outubro, acabou sendo constituída por apresentações circenses especialmente convidadas: tanto uma apresentação da palhaça Papoula² como uma oficina de malabares com diferentes objetos conduzida pelo Circóia³, grupo de estudos circenses da Unicamp.

Na junção entre a experimentação de figuras/personagens e o circo, incluímos algumas atividades de palhaçaria, em que as crianças experimentaram narizes e exercícios que trabalhavam elementos de comicidade, como diferentes movimentos corporais e pequenas gags cômicas.

Com o intuito de organizar uma apresentação cênica no final do ano, e percebendo que tínhamos um repertório de experimentações bastante diverso e fragmentado, decidimos por um formato de Sarau,

² Papoula é o nome da palhaça da atriz Pamela Leoni, formada pelo curso de Artes Cênicas da Unicamp e residente em Campinas, SP.

³ Circóia é um grupo de estudos circenses, formado por alunos do Departamento de Artes Cênicas.

organizado por números curtos que poderiam comportar tanto um exercício acrobático como uma pequena cena com personagem e/ou situação ficcional, ou ainda um número de palhaçaria. Nas últimas semanas de atividades, passamos a instalar uma cortina no Barracão, na tentativa de estabelecer uma relação palco-plateia, com um espaço de 'coxia'.

A apresentação de final de ano foi direcionada às mães e responsáveis, bem como aos irmãos e amigos. Foi voltada para um público interno, divulgada apenas nos canais de comunicação da própria comunidade.

Abrimos o Sarau com uma grande roda formada por todas as crianças e adultos presentes, na qual ensinamos, para quem não conhecia, a nossa música de chegada, cantada sempre nos cortejos. Ensinamos e ensaiamos ali mesmo alguns passos de ciranda. Cantamos juntos, de mãos dadas, e dançamos. As crianças apresentaram os números, e finalizamos com um grande lanche coletivo, como em todas as segundas. Mas, nesse dia, com a presença das mães e de outras mulheres da comunidade.

Nesse segundo semestre foi possível perceber uma mudança significativa na qualidade da presença e da atenção das crianças nas atividades. Conseguimos propor jogos mais complexos, envolvendo situações ficcionais, construção de personagens e desenvolvimento de pequenas ações. Conseguimos ensaiar uma cena clássica de palhaçaria.

Também tivemos uma presença maior das mães e de outras mulheres no encontro final.

Entendemos que isso tem a ver com a uma construção realizada na regularidade da presença, na abertura para os diálogos, na disponibilidade para construir junto e no afeto que atravessa nossas relações com as mulheres e com as crianças.

Encerramos o ano, mas não o projeto e as trocas. Foi uma celebração com gosto de 'até logo', e não de finalização.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto propõe-se como espaço de compartilhamento e sistematização de parte das experiências realizadas junto à Comunidade Menino Chorão, durante o ano de 2022.

É importante lembrar que o projeto inclui também atividades voltadas para a cozinha comunitária que não entraram neste relato, concentrado apenas nas atividades artístico-pedagógicas. Nesta outra vertente do projeto, foram realizados diversas atividades com as mulheres: uma oficina de pão de batata doce vegano - demanda apresentada por elas, sobretudo por conta de uma grande produção de batata doce na horta comunitária - oficina de boas práticas na cozinha, e encontros para mapeamento de demandas e desejos em relação à cozinha e à horta.

Também é importante registrar que o projeto segue em realização, e que este exercício de escrita buscou organizar e refletir as atividades realizadas até dezembro de 2022.

Em 2023 segue acontecendo a Escolinha de Artes, com encontros semanais. Também as atividades da cozinha comunitária vem tendo continuidade, com uma oficina recente voltada para chocolate e ovos de páscoa. Além disso, tornou-se importante ações voltadas para a horta, que sofreu mais um incêndio e que deixou de receber atividades de manutenção que vinham sendo feitas por uma parceria, a qual não teve continuidade. Assim, uma das primeiras ações deste ano, antes mesmo da retomada da Escolinha de Artes, foi um mutirão para reconstruir a horta, envolvendo diversos coletivos da Unicamp.

Este projeto vem sendo sustentado especialmente pelas atividades semanais junto à Comunidade, e esta permanência constitui-se como uma porta aberta para outras relações com a Universidade, algumas pontuais, outras com potências para múltiplos desdobramentos. Alguns exemplos: os eventos culturais contaram com programação composta por alunos egressos, bem como de alunos regulares, através de apresentações artísticas e oficinas culturais, tanto da área de teatro quanto de música. As demandas da horta levaram a uma articulação com uma professora da Faculdade de Arquitetura e Engenharia Civil, para possível desenvolvimento de projeto de captação de água de chuva para irrigação da horta. Ainda em relação à horta, houve uma articulação com coletivos da Faculdade de Engenharia Agrícola, da Engenharia Civil e da Engenharia de Alimentos para o mutirão citado no parágrafo anterior. A relação contínua com a comunidade vem possibilitando, também, o acolhimento de atividades de alunos de uma disciplina de extensão, que inclui diferentes cursos.

Entendemos que este é um projeto que vem conseguindo articular as diretrizes que constam na Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), sendo realizado através de colaboração baseada em trocas qualitativas com a comunidade. Um projeto em que a interdisciplinaridade é intrínseca à própria dinâmica das relações e atividades que acontecem no seu bojo, oferecendo campo fértil para colaborações entre diferentes unidades de ensino da Unicamp; que promove construção de conhecimento e impactos significativos na formação dos alunos e, por fim, que promove transformações sociais no território com o qual estamos em diálogo. Isso não quer dizer que as ações são destituídas de dificuldades, desafios e, muitas vezes, frustrações, mas que existe, entre todas as pessoas envolvidas, a disponibilidade necessária para se estar junto, e juntos descobrir que as possibilidades são infinitamente maiores que as limitações.

Finalizamos este relato com a sensação de que há muita vivência que não coube no texto e que, talvez, não caiba nas palavras. Que há ainda muita reflexão a ser feita e muito aprendizado a ser elaborado. Que há muitas ações a serem realizadas ao longo desse ano e, quem sabe, dos próximos. E que a força deste projeto está na diversidade dos saberes, no encontro das diferenças, na generosidade dos afetos e na confiança no coletivo.

REFERÊNCIAS

Forproex - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, 2012.

Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Munduruku, Danie (2020). *Mundurukando - sobre saberes e utopias*. Lorena: UK'Á.

Nogueira, Marcia Pompeo (2017). *Teatro e Comunidades - a experiência brasileira*. Publicação resultante do EIRPAC - Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias 2015. Porto, Junho.

Pupo, Maria Lúcia (2010). *Teatro e Educação Formal*. Brasília: Fundação Athos Bulcão.